55º CONGRESSO DA UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES

QUEM SOMOS?

O Levante Popular da Juventude é uma organização de jovens voltada para a luta de massas em busca da transformação da sociedade. Somos a juventude do Projeto Popular e nos propomos a ser o fermento na massa jovem brasileira. Somos um grupo de jovens que não baixa a cabeça para as injustiças e desigualdades.

Surgimos em 2006 no Rio Grande do Sul com a proposta de organizar a juventude onde quer que ela esteja e, em fevereiro de 2012, realizamos o nosso I Acampamento Nacional em Santa Cruz do Sul (RS). Nosso horizonte é a construção de um Projeto Popular para o Brasil! Para alcançá-lo, o primeiro passo é reconhecer que cada pessoa deve ser protagonista das transformações da sua própria realidade. Isso significa que nós, jovens, temos o papel de identificar e transformar o que tem de errado onde vivemos!

Em 2014 realizamos nossos II Acampamento Nacional, em Cotia (SP) com a participação de mais de 3000 jovens de 25 estados brasileiros mais o Distrito Federal. Consolidamos um movimento nacional de massas comprometidos com a democracia popular e, hoje, após nosso III Acampamento Nacional, que em 2016 reuniu mais de 7000 jovens em Belo Horizonte (MG), realizamos diversas lutas, seminários de formação, centenas de acampamentos estaduais e municipais.

Somos um movimento que se nacionalizou a partir da luta, com os escrachos aos torturadores em diversos estados do país. Somos a juventude negra da periferia dos centros urbanos, que está sendo assassinada pela PM e que luta pela desmilitarização da polícia. Somos a juventude que luta contra as opressões impostas pelo patriarcado, que atinge de forma violenta mulheres e LGBTs todos os dias.

Somos a juventude camponesa que luta por educação, pelo direito de permanecer no campo e construir um futuro digno. Somos os jovens que estiveram presentes de forma ativa nas manifestações de junho de 2013, na luta contra o golpe de 2016 e que construiram ocupações por todo Brasil na luta pela preservação dos IPHANS e contra os cortes da Educação.

Somos a juventude que grita Fora Temer, que devolveu os dólares roubados ao Cunha e que vai às ruas contra a Reforma da Previdência. A juventude que acredita que para mudar a realidade brasileira necessitamos de uma Reforma Política através de uma Constituinte Geral e Exclusiva, que de fato coloque o povo no centro das tomadas de decisões do país.

Somos muito mais que a nossa bandeira, somos nosso projeto de transformação da sociedade! Somos a juventude que veio ao 55º Congresso da União Nacional dos Estudantes para ocupar UNE! Somos o Levante Popular da juventude, estaremos onde a juventude e o povo brasileiro estiverem! E como faremos isso? Com muita arte, cultura, trabalho de base, formação e luta! O Levante quer organizar a juventude brasileira para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e com mais direitos para o povo!

A ERA DOS EXTREMOS...

O atual período histórico é marcado por uma grave crise do modo de produção capitalista. Isto se expressa na crise de hegemonia do imperialismo estadunidense que está forjando, gradativamente, mudanças no sistema de nações. Este rearranjo em curso tem cinco características fundamentais. **Na dimensão econômica**, uma profunda crise do capitalismo que se agravou a partir de 2008, o crescimento do protecionismo econômico e a crise da globalização liberal; **na dimensão política**, a formação de blocos e alianças (como é o caso dos BRICS) em torno da China e da Rússia que se contrapõe à hegemonia dos EUA; **na dimensão social**, cresce a xenofobia e a piora das condições de vida da classe trabalhadora nas nações da periferia do capitalismo; **na dimensão militar**, uma corrida armamentista crescente, conflitos regionais cada vez mais intensos e a possibilidade de uma guerra de larga escala envolvendo EUA, China, Rússia e seus respectivos campos de influência; **na dimensão ambiental**, constata-se uma crescente apropriação dos recursos naturais pelos capitalistas enquanto reserva de valor para se proteger dos efeitos da crise econômica. São contradições geopolíticas que certamente influenciam nas nossas vidas e moldam o futuro. E nesses momentos é importante que nós, estudantes brasileiros, aprofundemos nossa análise sobre a realidade.

Para tentar recompor suas áreas de influência política, garantir a hegemonia do capital financeiro na economia internacional, abrir mercados para as grandes transnacionais dos países centrais e seguir sangrando os orçamentos das nações da periferia do capitalismo para o pagamento de juros e serviços das dívidas, o imperialismo estadunidense patrocina guerras, conflitos regionais e intensifica a exploração econômica sobre os povos. Por isso, é fundamental que a União Nacional dos Estudantes (UNE) se constitua num polo anti imperialista e de solidariedade com os povos em luta pela soberania nacional e justiça social, seja no Oriente Médio, na África, na Ásia ou na América Latina.

A AMÉRICA LATINA E O BRASIL DIANTE DA SEGUNDA GRANDE OFENSIVA NEOLIBERAL

A primeira grande ofensiva neoliberal na América Latina se intensifica no final da década de 1980 e durante toda a década de 1990, num contexto de crise do chamado socialismo real no leste europeu, reestruturação produtiva, derrotas políticas e militares da esquerda latino americana como em El Salvador, Nicarágua e Brasil. Esta nova correlação de forças internacional impõe uma postura

CONJUNTURA

defensiva às forças populares na América Latina. No Brasil o projeto neoliberal com suas privatizações, desregulamentação da economia e diminuição do papel do Estado na promoção do desenvolvimento se intensifica durante o governo Fernando Henrique (1995-2002).

Para compreendermos o atual cenário no Brasil e na América Latina, vale lembrar que a chegada de Chávez ao governo da Venezuela em 1999 marca o início de um período de novos governos progressistas. É verdade que o grau de aprofundamento das mudanças e o compromisso com as reformas estruturais variou de acordo com os projetos políticos e com a correlação de forças. Mas é inegável que este processo proporcionou ganhos concretos para as classes populares de diversos países e diminuiu a influência do neoliberalismo no nosso continente.

Nesse sentido a **desestabilização desses governos cumpre um papel essencial na retomada desse projeto neoliberal de exploração**. Não por acaso nos últimos cinco anos vivenciamos uma série de golpes orquestrados pelo imperialismo estadunidense e seus aliados na América Latina: no Paraguai, em Honduras, diversas tentativas na Venezuela e o recente golpe no Brasil.

No Brasil, esta segunda ofensiva neoliberal resultou no **golpe de Estado** contra a democracia brasileira que se expressou no impeachement sem crime de responsabilidade sofrido pela presidenta Dilma Rousseff. As forças neoliberais aliadas do imperialismo (alta classe média, setores do judiciário e do ministério público, grande capital privado, a direita partidária e a rede globo) deram o golpe tendo como objetivos centrais recompor as taxas de lucros

dos capitalistas no atual cenário de crise internacional e realinhar o Brasil com os interesses dos EUA. Neste sentido, para cumprir estes objetivos o governo Temer busca impor suas reformas neoliberais (PEC 55, previdenciária, trabalhista, sindical) para retirar direitos da classe trabalhadora; enfraquecer as políticas de conteúdo local da indústria, privatizar e desmontar as estatais como é o caso da petrobrás; favorecer a apropriação pelo capital estrangeiro de recursos naturais como é o caso do petróleo da camada pré-sal.

Vale ressaltar o **papel nefasto que vem cumprindo a operação lava jato na concretização do golpe**. A corrupção é inerente ao capitalismo e deve ser combatida. Mas é um completo retrocesso que a lava jato, em nome do combate à corrupção, jogue na lata do lixo conquistas civilizatórias como presunção da inocência e o direito à ampla defesa. Este tipo de concepção é ante sala do fascismo. Além disso, a lava jato está contribuindo para a desnacionalização da economia, gerando milhões de desempregados.

A ofensiva neoliberal vem acompanhada do crescimento do conservadorismo no mundo todo, e também no Brasil. O que tem atingido concretamente a vida das mulheres, LGBTs e da população negra. Assim como cresce até os dias de hoje a criminalização da pobreza, o consequente extermínio da juventude negra periférica, assim como a criminalização dos movimentos sociais, que está cada dia mais intensa. Em meio a tantos retrocessos o povo, em especial a juventude, não baixou a cabeça e construiu um intenso período de resistência.

O *Projeto de Lei 241*, que posteriormente se tornou a *PEC 55*, que congela os gastos de verbas públicas e anunciava cortes de investimentos em Saúde e Educação pelos próximos 20 anos, despertaram novas formas de luta. Mais de mil escolas e quase trezentas universidades de todo o país foram **OCUPADAS** por uma brava gente, que trouxeram de novo a esperança e a mística. E que em meio a esse turbulência estamos construindo a muitas mãos a resistência.

CONTINUAMOS RESPIRANDO LUTAS NESSAS TERRAS

O golpe também significou uma **derrota estratégica** para a esquerda brasileira. **Foi derrotada a estratégia que buscava melhorar a vida do povo brasileiro dando centralidade à luta institucional e fundada na conciliação de classes.** Esta estratégia tem uma formulação de longos anos no interior do PT e foi desenvolvida nos governos Lula e Dilma entre 2003 e 2016 e mesmo pautada na conciliação de classes conseguiu materializar diversas conquistas para o povo brasileiro no campo das políticas sociais, na geração de emprego e renda, assim como no avanço da integração regional sul-sul.

Os erros estratégicos não foram, a rigor, as alianças com setores da burguesia, mas a opção de não dar centralidade à construção de uma força social de massas no seio destas alianças para hegemonizá-las e que fosse portadora de um projeto político fundado em reformas estruturais.

Ao imprimir uma derrota estratégica ao PT e demais forças democráticas e populares, o inimigo não somente alterou a correlação de forças ao seu favor, mas avançou sobre o terreno rival. Ou seja, diminuiu consideravelmente o espaço da esquerda e centro esquerda na sociedade. Esta situação de encurralamento das forças democráticas favoreceu a **campanha de cerco e aniquilamento** em curso contra o PT, o movimento sindical e popular.

Numa situação como esta é urgente e necessária organizar uma **defensiva estratégica** que acumule forças. Isto significa que nossa tarefa central é viabilizar a unidade em torno de uma frente política que reúna o conjunto das forças democráticas e antineoliberais num grande movimento de **defensiva ativa** que combine a defesa dos direitos históricos da classe trabalhadora (nenhum direito a menos!) com o desafio de dar um salto de qualidade na construção da estratégia, do programa e da unidade das forças populares.

A **Frente Brasil Popular**, construída na resistência ao golpe, tem grande potencial para ser o pólo dirigente de uma defensiva estratégica que acumule para alterar a correlação de forças, romper a campanha de cerco e aniquilamento e posteriormente lançarmos uma grande **ofensiva estratégica** em torno de um projeto nacional, um **Projeto Popular Para o Brasil que acumule forças para a construção do socialismo**. Pois como nos diz o poeta Galeano, o mundo em que vivemos está grávido de um novo mundo, e essa gestação exigirá de nós estar atentos e fortes para construir esse mundo que virá.

Mas, para ter condições de colocar o Projeto Popular em prática, precisamos restabelecer a democracia no país. É necessário propagandear o **Plano Popular de Emergência, e** ir às ruas em luta por **Eleições Diretas**, devemos derrubar o governo golpista para que o povo tenha o direito de decidir os rumos do país e isso não virá com a mera renuncia, impeachmant ou cassação do Michel Temer. Apenas através de **Eleições Diretas** o povo poderá, através do excercício da soberania popular, escolher de forma legítima o novo governo eleito.

Uma geração de jovens militantes está se formando na luta contra o golpe, em defesa da democracia e da soberania nacional. Esta jovem militância está resgatando o compromisso com o trabalho de base e com a luta de massas no calor das mobilizações para **derrubar o governo golpista de Temer e exigir eleições diretas**. No curto prazo é urgente materializar o **Diretas Já!**, derrotando as reformas neoliberais, principalmente as **reformas da previdência e a trabalhista,** construindo a **greve geral** e **restabelecendo a democracia**. No médio prazo, precisamos construir uma correlação de forças que favoreça o avanço de um Projeto Popular para o Brasil e suas reformas estruturais como a reforma do sistema político, a reforma agrária popular, o projeto energético popular, o projeto popular para a educação, o projeto popular para a saúde, a democratização dos meios de comunicação, a reforma tributária, dentre outras.

Diante do rompimento pelo governo golpista com o conteúdo histórico do pacto da nova república (restabelecimento da democracia, crescimento econômico e diminuição das desigualdades sociais), faz-se necessário construir um novo arranjo institucional adequado para o Projeto Popular e seu ciclo de desenvolvimento. Este novo arranjo institucional só será possível com uma **Constituinte geral e exclusiva** para refundar o Estado brasileiro. Certamente, a viabilidade desta Constituinte está condicionada à construção de um forte movimento de massas no Brasil que mobilize milhões nas ruas.

O Congresso da UNE deve ser um espaço para debater os grandes desafios para a construção de um projeto nacional e potencializar a mobilização estudantil nesta conjuntura. Por isso, que os estudantes que estavam recentemente ocupando as escolas e universidades **Ocupem a UNE**, para que a entidade volte para o cotidiano dos estudantes e volte a fazer a luta de massas em aliança com os movimentos populares e outros setores do povo brasileiro que estão mobilizados. Seguiremos bravamente marchando, **nesse país o movimento estudantil nunca teve medo de fazer história e nunca vacilou sobre que lado estava**.

EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO

Partimos da ideia de que a Educação não está presente apenas nos espaços acadêmicos das escolas e universidades, mas em todas as relações que se estabelecem entre as pessoas. Numa sociedade dividida em várias classes sociais, é certo que a Educação é disputada em torno dos diferentes projetos políticos que existem. Em tempos de crise econômica, política, social e institucional, tais disputas se acirram, e fica mais claro quais são esses projetos. De um lado, a luta para que o povo brasileiro tenha acesso universal a uma Educação com princípios público, humanista e progressista. De outro, uma concepção mercadológica de educação privatista, reacionária e conservadora.

A disputa entre esses projetos não é nova. Foi também durante uma crise, nos anos 30, que os pioneiros da Escola Nova propuseram a laicidade (ou seja, livre de interferências religiosas), gratuidade e obrigatoriedade do ensino, enquanto os conservadores queriam a manutenção do ensino vinculado as instituições religiosas. Nos anos 60, outro momento de forte polarização na sociedade brasileira, o movimento estudantil propôs uma profunda Reforma Universitária, de caráter popular, que foi barrada pelo golpe de 1964. Nos anos 80, durante a Constituinte, o movimento docente em ascensão conquistou o ensino fundamental gratuito, obrigatório e oferecido pelo Estado, vencendo as propostas conservadoras de privatização e exclusão.

A profunda crise que vivemos hoje abriu espaço para que os setores mais reacionários da sociedade avancem com seus projetos privatizantes e excludentes, que atacam frontalmente as conquistas da nossa curta democracia. Entender como chegamos à situação que estamos é fundamental para transformá-la.

Os treze anos dos governos de Lula e Dilma foram recheados de contradições, com uma política que chamamos neodesenvolvimentista, em que houve desenvolvimento econômico, distribuição de renda, mas nenhuma alteração nas estruturas da sociedade brasileira. Na Educação podemos apontar as principais políticas construídas durante esse período: a ampliação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da educação (FUNDEB) e do PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária); o REUNI e a ampliação e interiorização do Ensino Superior Público; a política de Cotas e o aumento de negros e indígenas, pessoas com deficiência e mulheres nas universidades e institutos públicos e particulares em todo o país; a implementação de programas de financiamento de ensino como o Programa de Financiamento Estudantil (FIES), o Programa Universidade para Todos (PROUNI) e o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC); a destinação de recursos do Pré-Sal à saúde e educação e aprovação do PNE com destinação de 10% do PIB para a Educação.

> "Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda"
>
> – Paulo Freire

Essas políticas tinham em sua própria raiz as contradições desse período: as conquistas que melhoraram a vida da juventude, em especial a mais pobre, negras e negros, indígenas, mulheres, camponeses, entre outras, também beneficiaram em larga escala as grandes empresas educacionais, muitas delas transnacionais. As políticas de financiamento do ensino privado injetam recursos públicos direta ou indiretamente nas contas das grandes empresas que negociam a educação, fazendo o ensino privado no Brasil ser um dos investimentos mais lucrativos do mundo. No ensino público, junto com a ampliação do acesso sobraram precarizações de carreiras de professores e técnicos, privatizações, investimento em tecnologia para empresas sem compromisso com o desenvolvimento nacional, e faltou investimento na permanência estudantil que possibilita que os mais pobres consigam permanecer na universidade.

Os grandes empresários da educação privada fazem parte dos setores da burguesia que executaram o golpe de 2016, e desde então têm se beneficiado profundamente das políticas do governo golpista de Temer. O ministro golpista da Educação é o deputado federal e líder da bancada do DEM Mendonça Filho, partido este que teve a cara de pau de ir ao STF alegar a inconstitucionalidade do programa de Cotas nas universidades públicas (o STF felizmente reconheceu a constitucionalidade das cotas de forma unânime), bem como para impedir a destinação de recursos para o FIES e PROUNI.

Do golpe para cá, o desmonte do sistema educacional brasileiro é absurdo e vertiginoso. Do ensino básico ao superior, se instalaram retrocessos, tais como o sucateamento da SECADI (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão); recuo na implementação do Plano Nacional de Educação (PNE); Reforma do Ensino Médio via Medida Provisória; cortes no FIES, no PROUNI e no PRONATEC, bem como o fim do Ciências Sem Fronteiras, das bolsas de pesquisas, extensão e pós-graduação, etc.

O golpe mais fundo na Educação possivelmente é o do financiamento. A mudança de regime de exploração do Pré-Sal, além de desobrigar a participação da Petrobrás nos leilões do pré-sal, possibilitando a participação integral de empresas privadas e multinacionais nesse processo, acabou com a política do Fundo Social do Pré-Sal, que garantia a reserva dos royalties para a educação e saúde. Uma riqueza nacional que deveria estar a serviço do povo e agora será entregue 100% nas mãos das empresas internacionais. Os cortes no financiamento da educação são generalizados e também apontam para cortes nas

EDUCAÇÃO

políticas de cotas e permanência, fazendo que o ensino superior volte a ser tão excludente como nos anos 90.

Junto a isso, a disputa ideológica sobre os rumos da educação também vem pesada. O Projeto da Escola Sem Partido (também conhecido como Lei da Mordaça) é um grande exemplo disso: retira todo direito à liberdade de expressão de educadoras e educadores, o direito de contestar a ordem vigente e limita a atuação em sala de aula. Além disso, surfando na onda conservadora, proíbe o debate sobre questões de gênero, invisibilizando as diversidades existentes nos espaços educativos, além de disseminar a cultura do ódio e violência gratuita reivindicada por aqueles e aquelas que se proclamam "cidadãos de bem".

Os próximos anos serão difíceis, mas nós do Levante Popular da Juventude entendemos que é tarefa histórica da juventude lutar contra todos esses retrocessos. É preciso **Ocupar a Educação!** Defender nossa democracia , fortalecer as organizações e frentes em que o povo pode se organizar e articular, construindo resistência para enfrentar este projeto de destruição arquitetado pelo capital internacional e colocado em prática pelo governo golpista.

Na defesa de um projeto popular para a Educação, estudantes e entidades estudantis precisam fortalecer o diálogo e a aliança com trabalhadores, docentes e suas entidades, tanto do ensino superior (como o ANDES e PROIFES) quanto da educação básica (como CNTE e os sindicatos de base).

Precisamos defender o sistema educacional público unificado (do básico ao superior), atuando em toda a sua diversidade, nos distintos níveis e modalidades de ensino (Educação Infantil, Fundamental, Médio, Superior, EJA, Alternância, À Distância), em suas especificidades (Campo, Cidade, Quilombola, Indígena, etc.), na diversidade étnica, sexual, de gênero, origem, crença e não crença, territorialidade, etc. Para fazer isso é necessário atuar em dois vetores, um para dentro, que é a própria organização e fortalecimento do movimento estudantil, e outro para fora, fortalecendo o diálogo e trabalho de base, a partir do ME, com toda a sociedade.

A atuação deve acontecer combinando a defesa da educação 100% pública e popular, com as disputas dentro das instituições privadas, contra a criação de monopólios, vendas das instituições para fundos de investimentos transnacionais, aumentos abusivos de mensalidades, etc. Devemos utilizar todos os espaços possíveis para fazer a disputa política, fomentando a organização política e ampliando a participação.

É preciso construir as condições para a realização de uma ampla Reforma Universitária popular como forma de ampliar a participação do povo nos espaços universitários e a construção de um conhecimento que de fato sirva aos interesses nacionais. Como nos ensina a luta diária: "um movimento que não cresce, acaba!". Portanto é nosso legado realizar a tarefa de fazer crescer em quantidade e qualidade o Movimento Estudantil, bem como a força da juventude em todo e qualquer espaço e níveis de ensino. A juventude universitária quer **Ocupar a Une** pra que a nossa entidade seja a protagonista das lutas que precisam ser travadas no país!

MULHERES CABULOSAS DA HISTÓRIA

Ana Carolina como Helenira Rezende

Mulheres Cabulosas da História é um projeto que faz releituras fotográficas e resgata a vida de mulheres corajosas e poderosas com histórias inspiradoras. Muitas foram pioneiras na política, ciência, nos meios artísticos e revolucionários. Apesar da grande relevância que tiveram para a sociedade, seus nomes foram ignorados e, até mesmo, apagados da história.

Por isso, as mulheres do Levante Popular da Juventude decidiram trazer essas memórias em um livro que retrate a imagem e a biografia de '100 Mulheres Cabulosas da História" para homenageá-las e dizer que suas lutas e conquistas se fazem presentes!

"Cabulosas" é uma gíria usada popularmente como adjetivo para qualificar algo de grandes proporções ou extraordinário, ou ainda que demonstra uma característica num grau muito excessivo

---

CONTRIBUA COM A NOSSA CAMPANHA NO CATARSE
www.catarse.me/mulherescabulosasdahistoria

QUEM *FOI* HELENIRA REZENDE?

Helenira Rezende de Souza Nazareth || Codinome: Fátima.

Conhecida pelos seus companheiros e familiares como 'Preta', Helenira nasceu em 19 de janeiro de 1944 na cidade de Cerqueira Cesar. Integrante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), Helenira foi estudante de Letras e Filosofia na USP, onde atuava no Movimento Estudantil.

Vice-presidente da UNE, Helenira foi presa a primeira vez quando mobilizava os colegas a participarem de uma passeata em maio de 1968, em São Paulo. No mesmo ano, também foi presa no 30º Congresso da UNE, em Ibiúna, junto com outros 800 estudantes. Do ônibus que a transportava junto com outros estudantes presos, conseguiu entregar um bilhete a um transeunte que avisava sua família de sua prisão, o que impediu que fosse dada como desaparecida. Transferida do Presídio Tiradentes para o DOPS, foi jurada de morte pelo delegado Sérgio Fleury.

Helenira foi solta por força de habeas-corpus concedido na véspera da edição do AI-5, em dezembro de 1968, e caiu na clandestinidade, vivendo em várias partes do país até ir para o Araguaia. Em 29 de setembro de 1972, durante um choque com a polícia Helenira foi presa e torturada até a morte.

OCUPA EDUCAÇÃO

POVO PRETO, MULHERES E LGBTS

Lutar pelo fim do genocídio do povo negro é lutar pela vida e liberdade todo o povo! Nas ruas e vielas, somos os alvos da repressão militar da polícia, e nas Instituições do Ensino Básico e Universitário temos que conviver com o Racismo agindo da forma mais sútil a mais cruel quando enfrentamos uma educação epistemicida, baseada na tentativa na política higienista, expressão de uma mentalidade cativa as correntes da ordem escravocrata.

"60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial. A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras. Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros"

Racionais Mc's - Capítulo 4, Versículo 4

Nossa realidade é bem diferente do que eram os anos 90 como afirma esse hit do hip hop brasileiro, e nós não temos dúvida disso!

A aprovação da cotas, síntese de um processo de luta do Movimento Negro Organizado, transformou a realidade de muitos negros e negras no Brasil. Segundo o IBGE, em 2005 depois da aprovação de ações afirmativas, fomos de 5,5% a 12,5% em 2015.

Mas é importante trazer, que o acesso a educação do povo negro ainda é muito menos do que de pessoas brancas. De acordo ao IBGE comparado com os brancos, no entanto, o número equivale a menos da metade dos jovens brancos com a mesma oportunidade.

Além da dificuldade de acesso, temos tido muitos problemas no que diz respeito a nossa permanência. Majoritariamente, jovens negros necessitam das políticas de assistência estudantil, e infelizmente a maioria não consegue. O que prejudica a nossa continuidade nos estudos, acarretando em uma saída relevante, tirando dos sonhos de muitos de transformar a própria vida e a de sua família.

Nossa ocupação tem como norte lutar pela continuidade de todas as políticas de ações afirmativas, aprimorar o acompanhamento, políticas de enfrentamento e combate ao racismo dentro do Ensino Superior, pintando o conhecimento de negro através da ampliação da lei 10.639/03 e 11.645/08 para as Universidades. Lei essa que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio.

As relações de poder estruturadas pela sociedade patriarcal e racista são reproduzidas em diversas instâncias, principalmente pelo Estado e suas instituições. Neste sentido a universidade integra a estrutura social como reprodutora dos seus valores, oprimindo diariamente as mulheres e mantendo a exclusão do povo negro na universidade.

Segundo a Pesquisa Nacional por amostra em Domicílio (PNAD/IBGE), as mulheres atualmente representam 56% das matrículas nos cursos de graduação e pós-graduação do país.

Porém, são muitos os obstáculos para permanecer na universidade. Na maioria delas a política de permanência estudantil não é pensada para contemplar as especificidades das mulheres e garantir que seus direitos sejam exercidos

A violência contra as mulheres tem sido recorrente, são inúmeros os relatos, assédio moral e sexual, estupros. Violências que acontecem na sala de aula, nos trotes, nas festas, e nas inúmeras Universidades de todo o país.

A organização das mulheres se faz necessária para o combate às estruturas sociais patriarcais que dão base a educação brasileira.

Nesse sentido, é importante que a UNE continue a organizar os EMEs (Encontro de Mulheres Estudantes) em todo país, para que possam servir de espaço de fortalecimento de mulheres, e que tenham consequência política como de aumentar a construção de Frentes Feministas em todas as Universidades do país, Ouvidorias para denúncias de violência machista, e que essas estejam articuladas com observatórios de mulheres como Rede de a vítimas, creches que atendam o número real de filhos das mulheres estudantes.

A sociedade brasileira possui um dos maiores índices de homicídios da população LGBT no mundo. Pós golpe, tivemos um acirramento da violência contra o público LGBT. A postura de ódio da direita brasileira se expressam quando a inclusão da discussão de gênero e sexualidade no PNE foi derrubado pelo conservadorismo do Congresso Nacional, e em muitas Assembleias Legislativas Estaduais e Câmara de Vereadores em todo país.

Discutir e debater é necessário para a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, e precisamos lutar contra Reformas na Educação que tem como objetivo acabar com debate crítico e saudável feito nas escolas e nas Universidades.

É preciso lutar pelo aumento da implementação da política de Nome Social nas Universidades, e também fazer o acompanhamento da implementação. Se aglutinam diversos relatos da não aceitação pelas Instituições da mudança do nome de estudantes transexuais.

Para nós é importante que haja a criação e fortalecimento de políticas públicas de saúde, e prevenção de DSTs para as pessoas LGBT, garantia da utilização plena do nome social, e a aprovação da lei João Nery, criar e fomentar campanhas de combate a LGBTfobia nas universidades, criação de ouvidorias de direitos humanos nas universidades, com participação estudantil, elaboração de relatórios e pesquisas sobre pessoas LGBT nas escolas e universidades, criação de disciplina que discuta sobre gênero e sexualidade nas universidades, criação de políticas e ações que combatam todo tipo de violência contra LGBT.

Nesse sentido é que convidamos e convocamos a todas e todos esses sujeitos a se juntarem a nós e ocuparem a une. Sabemos que é necessário uma transformação radical de sua estrutura burocratizada, e para além, que a coloque na rua para garantir os direitos que quem sempre teve o direito à educação retirado. Para que seja uma ferramenta a mais para lutar e reafirmamos cada dia mais alto e com mais vozes, que "QUEM ENTROU NA UNIVERSIDADE VAI FICAR!", por permanência, direito, respeito, inclusão,para combater qualquer tipo de opressão, para uma universidade para o povo, por uma une anti-racista, antiLGBTFÓBICA, feminista e popular vamos ocupa-la!

CULTURA

Ainda que tentem nos fazer acreditar que o que temos de arte e cultura é o que vem da rede globo, o povo brasileiro sempre mostrou que não serve para ser mero espectador de uma arte que nada tem a ver com sua realidade. Nossa gente sempre cantou, poetizou e colocou nos palcos das ruas a resistência. A juventude em especial se organiza nos saraus, batalhas, bondes e encontra na cultura os meios para se colocar como sujeito capaz de falar por si e que exige ser ouvido.

Neste sentido, é preciso que o Movimento Estudantil também compreenda que política e organização se faz com arte. É fundamental olharmos para a história da UNE e nos inspirarmos na experiência de construção dos Centros Populares de Cultura que disputavam a sociedade a partir da cultura popular. O golpe de 1964 acabou com os CPC's e tentou apagar da nossa história uma das experiências mais ricas da cultura brasileira.

Nossa proposta não é fazer uma cópia dos CPC's da década de 1960, mas avançar na produção de arte e cultura além dos muros das universidades. Queremos ir além da idéia de arte e cultura como grandes eventos. **Queremos construir processos cotidianos onde a arte e política sejam uma coisa só!**

O QUE *FOI* O CPC DA UNE?

O Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE , foi forjado por volta de 1961 em meio ao cenário político de pré Ditadura no Brasil. Tratava-se de uma ferramenta de denúncia contra as forças que tinham como objetivo derrotar a tão nova inaugurada democracia brasileira.

Através do teatro político, da música popular de protesto, o CPC da UNE atuava nos principais centros urbanos do Brasil, onde plantou as sementes dos CPCs estaduais. Levando mensagem política com muita cultura popular o CPC foi um passo a frente na criação de uma nova forma de dialogar com a população, que encontrava-se distante do que estava acontecendo no país naquela época.

Nasceu ali um pensamento cultural que aprofundava a visão de uma arte brasileira e ao mesmo tempo universal. O Movimento de Cultura Popular (MCP) foi um fenômeno inesperado no processo cultural brasileiro: jovens intelectuais e artistas unem-se aos universitários e vão para os sindicatos e as praças públicas buscar o diálogo com o povo e nesse esforço recolocam para si e para os demais os problemas da arte.

ESPORTE E LAZER

O esporte e o lazer no Brasil são um direito da população que, no entanto, nunca foi assegurado, pelo estado brasileiro, como tal. O acesso à prática esportiva ainda constitui uma atividade restrita aqueles que podem pagar ou é relegada a projetos sociais fragmentados.

Mesmo com o advento dos grandes eventos esportivos (Copa do Mundo e Olimpíadas) não se vê ainda qualquer esforço do estado brasileiro em transformar as grandes obras (Estádios, Centros Esportivos e outros), que estão subutilizadas e em deterioração, em uma verdadeira política de esporte para a nação.

Como parte de um grande projeto esportivo para o Brasil surge as Universidade e Faculdade, públicas e particulares, que possuem grandes estruturas esportivas muitas vezes subutilizadas, pelos acadêmicos e comunidade que mora ao em torno das Instituições de Ensino. É necessário que a organização dos estudantes por meio de Diretórios Centrais de Estudantes (DCE), Centros Acadêmicos (CA) e Associações Atléticas em conjunto com a União Nacional dos Estudantes (UNE) pautem um plano esportivo que contemplem a necessidade de estudantes e comunidades.

Desta forma, um passo importante estaria sendo dado em contraposição ao mercado formado por clubes privados, além do fortalecimento do esporte de base e de melhoria nos Jogos Universitários Brasileiros (JUB's) e no Esporte Olímpico.

MOVIMENTO ESTUDANTIL EM DEFESA DO SUS

Compreendemos que a Universidade, sendo também um espaço de reprodução de contradições, situações e valores da sociedade na qual estamos inseridos e inseridas, é um ambiente complexo e também adoecedor. A Universidade proporciona ao estudante uma demanda de ideias, ideologias e pensamentos diferentes, exigindo carga horária pesada de dedicação, o que leva a um desgaste físico e emocional muito grandes, sendo um destaque nessa fase o acometimento de doenças mentais, que está diretamente entrelaçado com as relações de poder na sala de aula, as pressões sofridas nas matérias, ao acúmulo de assuntos, avaliações, trabalhos diários e demandas pessoais. Esses efeitos precisam de respostas!

A universidade precisa estar disposta a dar conta disso! É fundamental que exista um serviço de acolhimento aos estudantes, que disponibilize serviço tanto emergencial quanto assistencial, psicológico, cuidados em saúde mental e ainda garantindo o uso com as práticas integrativas, para cuidar da saúde de todas e todos, sem deixar de pautar um Sistema Único de Saúde público, universal gratuito e de qualidade.

É preciso OCUPAR A UNE para definir os rumos do movimento estudantil e lutar pela educação que a juventude brasileira sonha e merece! É com organização, luta e unidade que teremos a capacidade de construir o Brasil que queremos!

Ocupando ruas, praças, escolas e universidades, a juventude brasileira tem assumido um importante protagonismo na história do país! Em junho de 2013 fomos milhares ocupando as ruas na luta contra o aumento da tarifa no transporte público e denunciando o apodrecido sistema político brasileiro.

De lá para cá a juventude tomou as ruas pelo "Fora Cunha", contra corrupção e as políticas conservadoras, além disso a ocupação dos prédios ligados ao MinC, a exemplo dos IPHAN's, se espalharam pelo país em defesa da cultura, logo após o golpe. Observando esse cenário, é inegável que o país está vivendo uma grande ebulição política e social e que a juventude tem sido um vetor importante das lutas por direitos.

O ano de 2016 foi marcado pelo golpe de estado, dirigido contra o povo pelas velhas elites políticas e econômicas de sempre. Mas também **2016 foi o ano sacudido pelo maior movimento de ocupações que temos notícia na história do movimento estudantil brasileiro**. Foram milhares de escolas e universidades ocupadas em todo o país, denunciando o caráter golpista do governo Michel Temer, reivindicando a retirada do projeto de reforma do ensino médio e da PEC 55, que vai congelar os investimentos na educação brasileira pelas próximas duas décadas. É possível que este tenha sido, para muitos estudantes, o primeiro contato com o que chamamos de "movimento estudantil".

Mas o que vem a ser o Movimento Estudantil? Em nossa opinião,

OCUPAR E RADICALIZAR O MOVIMENTO ESTUDANTIL

movimento estudantil é quando os/as estudantes, de forma organizada, agem conscientemente para alcançar determinado objetivo político. Há momentos na história em que estes objetivos são os mais básicos o possível, como a garantia de espaços de convivência, contratação de professores, melhores instalações, bebedouros etc. E há momentos em que estes objetivos refletem temas estruturais, que podem definir os rumos do país, como veremos adiante.

Acreditamos que as duas dimensões da luta, desde a mais pontual até a mais geral, são importantes e devem ser valorizadas. **O que importa aqui é colocar os estudantes em luta na defesa dos seus direitos e dos interesses da classe trabalhadora. Por isso, convocamos cada estudante a fazer de sua universidade uma trincheira contra o golpismo e a retirada de direitos! #OCUPAUNE**

SENTA QUE LÁ VEM HISTÓRIA...

A luta dos/as estudantes por mudanças no Brasil percorreu a história do nosso país. Desde o período colonial aos dias atuais: a luta pela Independência, pela Abolição da escravidão e em defesa da República os/as estudantes e a juventude significaram um importante polo de movimentação social e de luta. **A UNE, entidade nacional de representação dos/as estudantes é fruto de um processo histórico que começa a apontar para a necessidade de um instrumento nacional de organização desse setor**. Nasce assim a UNE, em 1937.

Desde sua criação, a entidade esteve presente e protagonizou diversas lutas e momentos históricos decisivos para o nosso país, como a resistência contra o nazi-fascismo, a campanha "O Petróleo é Nosso!" em defesa da Petrobrás, a luta contra a Ditadura Militar, as Diretas Já, a campanha pelo Fora Collor e recentemente os 10% do PIB para a Educação, significando um importante pólo aglutinador dos/as estudantes, se movimentando por mudanças profundas na sociedade brasileira.

No momento em que vivemos recupera-se a importância do papel político do movimento estudantil. A experiência demonstra que os/as **estudantes são um termômetro das ruas e dinamizam a movimentação da juventude tanto nas universidades quanto nos bairros. É nosso papel dar cabo dessa potencialidade**.

NOSSAS CRÍTICAS À ENTIDADE

É preciso, porém, questionar se a UNE tem cumprido seu papel de impulsionar essas movimentações. Durante os governos Lula e Dilma vimos uma postura conciliadora da entidade perante o governo federal, priorizando a pressão institucional em detrimento da mobilização estudantil nas ruas. Embora seja inegável a importância de lutas como os 10% do PIB para a educação pública, a defesa da expansão universitária, é necessário reconhecer também que o papel da UNE tem sido insuficiente. **A UNE em poucos momentos priorizou a mobilização estudantil, e as lutas massivas deste período foram em grande parte espontâneas, muitas vezes passando por fora da entidade**.

A base desta política de conciliação com o governo federal nos últimos 12 anos, que é fundada na prioridade da pressão institucional não acompanhou as grandes mobilizações estudantis, e está na convergência de uma opção política conciliadora da direção da entidade com um sistema eleitoral falho, que favorece a artificialidade e a distorção na representação estudantil que elege a diretoria da UNE, em relação ao que são as reais demandas e movimentações desse setor. **O resultado disso é uma diretoria onde o peso das forças políticas não corresponde ao seu trabalho organizativo real no movimento estudantil**. Uma burocratização que compromete a democracia interna da entidade, que distancia a UNE do cotidiano dos estudantes e dificulta a construção de lutas massivas, imobilizando a entidade também por conta de um projeto de educação sem autonomia.

No mesmo período, **parte do movimento estudantil optou, como política para a UNE, fazer uma oposição despolitizada às políticas educacionais dos Governos Lula e Dilma. Esta posição muitas vezes levou a estes setores a se colocar contra a democratização do acesso à universidade, adotando uma**

postura elitista e/ou sectária, descolada da realidade das universidades brasileiras. A identificação equivocada de inimigos no seio do próprio movimento estudantil dificulta qualquer processo de construção unitária, reduz a construção do movimento à disputa interna, não comprometendo o conjunto da entidade com a sua construção no cotidiano dos/as estudantes.

A SITUAÇÃO DA ENTIDADE HOJE

A situação atual do país pós golpe de estado é dramática. Vivemos um momento em que se aceleram a retirada dos direitos e a inversão de um projeto de país soberano, com a entrega de todas as nossas riquezas. Ao mesmo tempo, visualizamos um processo gradativo de retomada das lutas de massas, e são justamente nos momentos de ascenso da luta social que surgem as condições para as organizações e entidades de massas avançarem na construção das lutas.

Neste cenário, é injustificável que a UNE não expresse este novo momento em que vivemos, e se mostre timidamente nessa conjuntura de polarização e ofensiva de setores conservadores sobre os direitos da classe trabalhadora, como as iniciativas do governo golpista de Michel Temer de acabar com a Previdência, as leis trabalhistas e a Petrobrás, que afetarão especialmente a juventude brasileira.

Nesse contexto, enxergamos a necessidade da construção conjunta entre estudantes e trabalhadores na defesa de nossos direitos e a importância de a UNE construir em unidade com entidades e organizações da classe trabalhadora uma frente política capaz de barrar os retrocessos, em nossa opinião este espaço é a **Frente Brasil Popular**. Precisamos defender as conquistas dos últimos anos, mas antes de tudo nos colocarmos de forma propositiva, colocando na agenda política nacional um projeto de soberania e desenvolvimento voltados para atender as demandas do nosso povo.

PROPOSTAS PARA MUDAR A UNE E O MOVIMENTO ESTUDANTIL

É fundamental iniciarmos **um processo Estatuinte na UNE**, para que possamos democratizar a entidade, rever falhas e distorções em seu sistema eleitoral e garantir uma UNE comprometida com os interesses dos/as estudantes brasileiros/as e do povo brasileiro de conjunto.

Nós queremos transformar a UNE! Retomando uma UNE que estimula a participação e o protagonismo dos/as estudantes nas lutas, com toda alegria e irreverência. A atual distância do movimento estudantil do cotidiano dos/as estudantes só dá mais força para os ataques conservadores contra a organização da juventude.

A construção do Campo Popular perpassa compreender as transformações ocorridas nos últimos doze anos na universidade brasileira, retomando o debate de Reforma Universitária na UNE. Isso, dentro de um contexto de predomínio do ensino superior privado no país e de crise econômica internacional. Devemos inserir o debate de reforma universitária com centralidade no conjunto das reformas estruturais da sociedade brasileira, combinando com a luta pela Fora Temer e Diretas Já! Essas lutas nos permitem construir as bases para reivindicarmos uma Assembleia Constituinte, capaz de devolver ao povo o poder de reorganizar o Estado brasileiro sobre bases democráticas. Do mesmo modo, fazer frente ao avanço do conservadorismo nas universidades e o desmonte da educação.

Para que a entidade possa se reconectar às lutas pela transformação do nosso país, é necessário que ela esteja do dia a dia dos estudantes, que compreenda as diversas realidades, dificuldades e demandas das universidades do Brasil, como as deficiências que ainda temos em relação ao acesso e a permanência, as diversas universidades públicas que ainda não adotaram sistemas de cotas raciais, a violência contra as mulheres que ainda ocorre nas universidades, a falta de creches para estudantes mãe ou auxílio e programas específico para estudantes LGBTs.

Precisamos de uma direção mais mobilizadora em nossa entidade, que esteja no dia a dia das lutas e responda aos desafios do movimento estudantil hoje em diálogo com os estudantes do Brasil. É necessário mudar as práticas e a cultura política da entidade. Queremos que a UNE esteja na rua, em unidade com outros setores da sociedade, impulsionando a potencialidade e força da juventude brasileira e lutando pela transformação do nosso país.

Por isso estamos nos desafiando a construir na base os debates sobre nossa pré-tese e nossas críticas à entidade. Apontamos 10 propostas para mudar a UNE. Para que a UNE assuma com qualidade o papel urgente e necessário de condução das lutas estudantis, para resistirmos aos ataques desse período e avançar rumo às conquistas por um Projeto Popular para Educação.

10 PROPOSTAS PRA MUDAR A UNE

1 REALIZAÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DAS ENTIDADES DE BASE – CONEB

(Encontro de CA's e DA's que a atual gestão deixou de realizar) em Janeiro de 2018: é fundamental a construção de um fórum amplo, em que possamos discutir a formação profissional do estudante, questões relacionadas aos seus cursos e ao mesmo tempo que reúna os representantes de base para organizar a luta em defesa da educação e do Brasil.

2 UNE VOLANTE

resgatar a política de atividades massivas da UNE nas Universidades! Organizando debates que produzam uma proposta de Plataforma de Lutas da UNE e um Projeto de Reforma Estatutária.

3 VOZ DO ESTUDANTE

precisamos de uma política de comunicação que vá para além dos círculos militantes. Defendemos a construção de um jornal impresso em cada universidade e uma plataforma digital para que os estudantes publiquem artigos e opiniões sobre o movimento estudantil, educação e o Brasil!

4 ORÇAMENTO DEMOCRÁTICO E TRANSPARENTE

além de dar transparência às finanças da UNE, propomos que 50% do que a entidade arrecada seja para financiar atividades decididas pelos próprios estudantes nos fóruns nacionais da UNE.

5 CENTRO POPULAR DE CULTURA

colocar a produção cultural como ferramenta de luta, incentivando as produções artísticas vinculadas a conjuntura política e nos espaços do movimento estudantil. Fomentar a atividade artística e cultural processual e indo além dos muros da Universidade.

6 UNIVERSIDADE A SERVIÇO DO POVO

precisamos romper os muros que separam a universidade das periferias. E garantir que o povo que entra nas universidades tenham condições de permanecer, com um amplo programa de assistência estudantil. Por uma semana nacional em que a periferia do Brasil ocupe as Universidades!

7 REFORMA UNIVERSITÁRIA POPULAR

devemos retomar o debate global sobre a educação universitária brasileira e organizar debates com os estudantes, possibilitando a formulação do Projeto de Universidade que queremos.

8 UMA ENTIDADE PLURAL E DEMOCRÁTICA

precisamos, especialmente nessa conjuntura, de uma entidade que promova mais reuniões, amplas e democráticas. A concepção reinante hoje na entidade é de que a chapa que vence o congresso ganha a entidade por dois anos. Isso é uma concepção estreita e patrimonialista. Devemos dar autonomia e liberdade para a construção de todas as diretorias, independente das organizações que a ocupem.

9 A LUTA É INTERNACIONAL

sabemos que a ofensiva que vivemos se dá em nível de América Latina. Portanto, é fundamental organizarmos a luta em nível de continente. Infelizmente, hoje nossa atuação na OCLAE é meramente formal. Precisamos construir um Programa Latino-americano de Lutas em Defesa da Educação!

10 DERROTAR TEMER, ORGANIZAR AS ELEIÇÕES: DIRETAS JÁ!

no plano político, a tarefa central consiste em derrotar a agenda política do governo golpista. Enfrentar os conservadores do parlamento e arrancar das instituições o direito legítimo de convocação de Eleições Diretas Já! para que a democracia brasileira possa ser restabelecida!

SIGA O LEVANTE!

/levantepopulardajuventude
@levantepopular
@levantedajuventude
/LevantePopulardaJuventudeoficial
/levantepopulardajuventude
www.levante.org.br

UNE
UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE